

A Fundação Konrad Adenauer no Brasil

2016 Agosto Rio de Janeiro www.kas.de/brasil



O Brasil diante das Olimpíadas 2016

Vozes da política, economia e sociedade civil






Konrad
Adenauer
Stiftung


Editor
Dr. Jan Woischnik
Coordenação editorial e revisão
Reinaldo J. Themoteo
Projeto Gráfico
Charles Steiman
Impressão
J. Sholna

© 2016, Konrad Adenauer Stiftung e.V.

Fundação Konrad Adenauer
Rua Guilhermina Guinle, 163
Botafogo CEP: 22270-060
Rio de Janeiro, RJ – Brasil
Tel: (+55/21) 2220-5441
Fax: (+55/21) 2220-5448

www.kas.de/brasil

 [kas.brasil](https://www.facebook.com/kas.brasil)

 [kasbrasil](https://twitter.com/kasbrasil)

Todos os direitos desta edição são reservados
à Fundação Konrad Adenauer. Autores podem
ser citados indicando a revista como fonte.
As opiniões aqui externadas são de exclusiva
responsabilidade de seus autores.

Foto da capa: Mariano Coelho



3

ÍNDICE

5

Legados para a Cidade Maravilhosa

Dr. Jan Woischnik

6

Os Jogos Olímpicos e seus múltiplos legados

Bruno Kazuhiro

7

Brasil olímpico ou fogo de palha?

Caetano Scannavino

9

Toma lá, dá cá

Marcos Abreu Torres

10

A não-transformação olímpica

Jan Tonio Schreiber Kruger

11

A improvável esperança de um legado político

Humberto Dantas

14

O jogo só acaba quando termina

Mario Monzoni

Amália Safatle

15

Legado olímpico, cidade e meio ambiente

João Ricardo Rodrigues Viégas

17

A luz do Jogos, o breu dos clubes

Pedro Trengrouse

18

Olimpíadas 2016

Thereza Lobo

19

Walk before you run: O que o 'legado Olímpico'
nos diz sobre as prioridades do Rio

Vinicius M. Netto

Maria Fizon

Inaugurado em 1950, o Estádio Jornalista Mário Filho, mais conhecido como Estádio do Maracanã, foi durante décadas o maior estádio de futebol do mundo. Em 2016, ele será palco das cerimônias de abertura e encerramento dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016 no Rio de Janeiro.



Legados para a Cidade Maravilhosa

Dr. Jan Woischnik

Representante da Fundação Konrad Adenauer no Brasil



NO DIA 5 de agosto de 2016, a tocha olímpica chega ao Estádio do Maracanã, dando início aos primeiros jogos olímpicos realizados na América do Sul, na cidade do Rio de Janeiro. Delegações de cerca de 200 países participarão, em 42 modalidades, do maior evento esportivo do planeta. Este é um momento ímpar, quando atletas de todos os continentes podem competir em um espírito de fraternidade, de maneira a estreitar laços e exaltar o espírito esportivo. O espírito olímpico prevalece, vencendo todas as barreiras e destacando a capacidade de superação de homens e mulheres valorosos: entre os dias 7 e 18 de setembro serão realizados os Jogos Paralímpicos.

As condições políticas e econômicas no Brasil, contudo, estão hoje, em 2016, significativamente distintas da conjuntura do dia dois de outubro de 2009, quando o país foi escolhido como sede dos jogos olímpicos de 2016, vencendo Madri, Chicago e Tóquio na disputa. Com a economia de vento em popa, sendo o Brasil visto internacionalmente de forma positiva e o então presidente Lula da Silva contando com expressiva aprovação popular, a escolha da cidade do Rio de Janeiro parecia ser, naquele momento, o coroamento de uma trajetória ascendente de um país emergente, de tal modo que não poderia de forma alguma ser alterada. Durante os pouco mais de seis anos desde o dia da votação até agora, o panorama político bem como o econômico mudaram, sendo vários os desafios enfrentados até aqui. As jornadas de junho de 2013 levaram muitos milhares de brasileiros e brasileiras às ruas para protestar, inicialmente contra o aumento das passagens, sendo que, em seguida, as reivindicações se desdobraram em diversas outras demandas. A

operação lava-jato impactou o cenário político, realizando combate sem precedentes contra a corrupção. A crise política e econômica que culminou em um processo de impeachment – o qual se encontra próximo de sua votação final no Senado – configurando o segundo em pouco mais de duas décadas, num contexto social de grande polarização política. Aos fatores políticos soma-se a crise econômica. Assim como aconteceu durante a preparação para a Copa do Mundo de 2014, houve contestação acerca de diversos aspectos da preparação para os Jogos Olímpicos, desde a remoção de famílias para a realização de obras até acerca de quais legados os Jogos de 2016 deixarão para a Cidade Maravilhosa. Se por um lado diversas turbulências agitaram o cenário nacional, por outro, diversos megaeventos foram realizados com êxito, atestando a vocação do Rio de Janeiro para receber realizações de tal magnitude, como a Jornada Mundial da Juventude em 2013 e a Copa 2014, e agora estamos prestes a vivenciar a experiência da primeira olimpíada em solo brasileiro. Quais aprendizados podem ser obtidos destas experiências?

Para refletir sobre os legados que os Jogos Olímpicos Rio 2016 podem ter deixado, bem como os desafios enfrentados neste processo, convidamos um ilustre grupo de autores e autoras para trazer as suas contribuições, de modo a lançar um olhar para os desafios enfrentados bem como para as oportunidades que um megaevento como este traz para uma cidade, e, em maior perspectiva, para o país, visando a aproveitar os Jogos Olímpicos Rio 2016 com espírito olímpico e democrático. Desejo a todas e todos uma interessante leitura!

Os Jogos Olímpicos e seus múltiplos legados

Bruno Kazuhiro

Presidente nacional da Juventude Democratas



É COMUM ESCUTARMOS e lermos, frequentemente, em diferentes veículos de imprensa e em diversas análises de especialistas, que os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro precisam deixar um legado para a Cidade. Com certeza isso é verdade, mas de qual legado estamos falando?

A realidade é que os legados de uma Olimpíada são muitos e, exatamente por isso, é possível que o evento traga avanços em algumas áreas e deixe a desejar em diversas outras no que diz respeito aos ganhos permanentes que gera para o município, seu povo e seu entorno.

Se falarmos do legado dos equipamentos esportivos, é válido dizer que o Rio de Janeiro sairá das Olimpíadas com instalações mais modernas, arenas de alta qualidade e espaços que poderão ser utilizados posteriormente pela população.

Se falarmos do legado da mobilidade urbana, é possível afirmar que a Cidade terá alguns importantes avanços, notadamente a abertura da nova linha do metrô carioca, embora as obras tenham sofrido atrasos.

Contudo, se falarmos do legado esportivo, é notório que o investimento na formação de novos atletas, no incentivo à prática esportiva dos jovens e no apoio aos esportistas de alto rendimento deixou muito a desejar, ensejando uma Olimpíada onde o Brasil, provavelmente, não avançará esportivamente como outros países fizeram ao serem anfitriões dos Jogos.

Por fim, falemos dos legados não alcançados, que se referem, especialmente, ao meio ambiente e à segurança pública.

A Baía de Guanabara e a Lagoa Rodrigo Freitas, além do complexo lagunar da Barra da Tijuca e de Jacarepaguá, seguem sem as condições mínimas de balneabilidade e pureza, não só levando em conta a prática esportiva, mas também o cotidiano do cidadão carioca.

Já a segurança dos moradores do Rio, dos atletas e dos turistas será uma das grandes preocupações, talvez a maior, da organização destas Olimpíadas. Os níveis de violência no município são hoje preocupantes e a situação financeira dos governos não inspira otimismo sobre uma melhora rápida.

Grandes esforços ocorreram para que o Rio fosse sede do evento. Foram assumidos compromissos e promessas foram feitas. Não se buscava apenas a realização bem-sucedida dos Jogos Olímpicos e a conquista de medalhas, mas também o aumento do orgulho de ser carioca, a construção de uma imagem positiva da Cidade no exterior e o fortalecimento do Rio como uma cidade global.

Infelizmente, nesse momento em que a cerimônia de abertura está prestes a ocorrer, a autoestima do carioca está em baixa e os estrangeiros nos olham com desconfiança.

Em resumo, uma edição das Olimpíadas não tem apenas um legado. Tem múltiplos legados. Ou pode deixar de tê-los. O Rio de Janeiro acertou e errou.

É preciso valorizar os ganhos, aprender com os equívocos e buscar as medidas necessárias para que tenhamos, em breve, uma cidade mais segura, sustentável e alegre, onde não apenas os turistas queiram passear, mas também onde os cariocas queiram viver.

Brasil olímpico ou fogo de palha?

Caetano Scannavino

Coordenador do Projeto Saúde e Alegria



EM 2009, QUANDO o Rio de Janeiro foi eleito para sediar as Olimpíadas 2016, o mundo agonizava com o crash mundial, enquanto o Brasil era o país da moda. Esnobava a crise como marola, fazia emergir uma nova classe de consumidores, e ainda tinha uma Copa do Mundo para fazer.

De lá para cá, as principais nações conseguiram se estabilizar. E quem era a estrela quebrou. Os XXXI Jogos Olímpicos acontecerão em meio a uma crise econômica e política como há muito não se via, um impeachment controverso, prisões até então inimagináveis, e escândalos de corrupção estourando por todos os lados.

Ao contrário da revolução social e ambiental prometida para o Rio 2016 há 7 anos, o que se viu foram obras matando pessoas, vigas de 40 m desaparecendo, remoções mal resolvidas, favelas não pacificadas, esgoto a céu aberto, surto de zika vírus, calamidade pública decretada... Sim, haverá jogos. Mesmo com muitos problemas aqui e ali, terão recordes batidos e muitas festas na cidade sempre maravilhosa. Porém, haverá também a certeza de mais uma oportunidade perdida.

Mas a história não para aí. Mais do que os jogos em si, é o momento em que eles acontecem e as perspectivas de país. Resta saber se outras oportunidades que estão postas também não serão em vão. Se por um lado, o Brasil parece acabado, por outro, há uma

janela aberta por mudanças estruturais que comecem a resolver de forma efetiva problemas que afligem a nação desde sempre.

Obras superfaturadas, a certeza de impunidade, o ilegal como regra... Sempre aconteceram, mas nunca haviam deflagrado tamanha mobilização social. O brasileiro de hoje quer participar das decisões, é muito mais exigente e menos tolerante. Desde os protestos de junho de 2013, nunca se debateu tanto, nunca tantos foram às ruas, nunca se formou tanta massa crítica, importante para qualquer democracia.

Mas também nunca se viu um país tão dividido. Se predominar o debate raso, agressivo, um digladiado por narrativas passadas, só virá a favorecer o ilícito. No combate à corrupção não existem lados. Quando o problema é sistêmico, não basta só trocar governantes. Baixar agora a pressão é correr o risco de converter todo esse calor político em fogo de palha, como aquele atleta promissor que desiste da medalha na hora de correr por ela. Seria dar a deixa aos senhores de anéis de que eles sempre estiveram certos, para continuarem como sempre fizeram.

Precisamos reformar o jogo - um passo além de só competir entre si - num debate mais construtivo, programático, a partir do que é possível convergir, rumo ao futuro. É quando o espírito olímpico deve falar mais alto.



Toma lá, dá cá

Marcos Abreu Torres

Advogado da Confederação Nacional da Indústria (CNI)



MUITO SE DISCUTE sobre o legado que grandes eventos esportivos podem deixar para o país sede. A história guarda exemplos positivos, o maior deles os jogos de Barcelona em 1992.

Além da infraestrutura e da visibilidade turística que a sede recebe, o clima de otimismo é capaz de modificar o humor dos seus habitantes. Nesse momento em que o Brasil encontra-se dividido, espera-se que o Espírito Olímpico una novamente a nação e que a garra e os valores éticos demonstrados pelos atletas contagiem as autoridades e o povo brasileiro.

O sucesso dos jogos é uma chance para que investidores e turistas percebam que, apesar das atuais crises econômica, política e sanitária, o país segue seu rumo e é capaz de superar grandes desafios.

Mas o legado não se dá apenas por uma via: o intercâmbio de externalidades positivas é bilateral. Os jogos permitirão que o Brasil, e o Rio em especial, ofereçam em retorno a empolgação e a confiança que o mundo lhes franqueou. Nesse toma lá, dá cá olímpico, o que as Olimpíadas de Verão 2016 do Rio de Janeiro podem deixar para o mundo?

Esperamos que o legado não seja o do jeitinho brasileiro de organização: é lamentável saber que atletas da elite global competirão em ambientes impróprios, como a vela, a maratona aquática e o remo nas poluídas águas da Baía de Guanabara e da Lagoa Rodrigo de Freitas; lamentável também saber que serviços públicos serão paralisados para que o caos no trânsito seja camuflado.

Os olhos do mundo estarão voltados para o Brasil e o Rio de Janeiro. A cidade maravilhosa já acumula exemplos de legados positivos para o mundo ao sediar grandes eventos, como a Eco 92 e a Rio +20, que deixaram para as gerações seguintes uma preocupação crescente com o estado do planeta Terra. Se hoje as pessoas, os governos e as empresas se preocupam com a sustentabilidade, e certamente o fazem, boa parte do crédito deve ser dado àquelas duas conferências.

Agora, espera-se que o mundo possa se admirar com a capacidade dos brasileiros de superar o momento adverso e oferecer à comunidade internacional tudo aquilo que o Espírito Olímpico representa.

O parque do Aterro do Flamengo ganhou a forma como conhecemos em 1965 com o 400º centenário de fundação do Rio de Janeiro e é resultado de uma série de medidas urbanísticas na cidade ao longo do século XX. Em 1992, foi a sede do Fórum Global, que foi a seção de exposições e debates da ECO-92.

A não-transformação olímpica

Jan Tonio Schreiber Kruger

Blogueiro do Caos Carioca (www.caoscarioca.com.br)



A COPA DE 2014 mostrou para o mundo que os Brasileiros sabem fazer uma festa. Doze imponentes estádios, todos construídos ou completamente reformados para o evento sediaram jogos incríveis. A Copa das Copas. O fato que muitos desses estádios foram abandonados depois do evento, que se usou muito mais dinheiro público que o prometido e que quase todas as obras de infraestrutura de mobilidade foram abandonadas pela metade não influenciou na festa. O famoso jeitinho Brasileiro deu conta de impressionar a todos.

A história dos Jogos Olímpicos no Rio deveria ser diferente, assim nos dizem. E de fato há algumas evidências para isso, entre elas: três linhas de BRT, uma linha de VLT, uma expansão de 16km do metrô, ampliação do aeroporto internacional, ampliação e construção de vias expressas e revitalização da zona portuária. De acordo com o discurso oficial do nosso Prefeito Eduardo Paes, os jogos deveriam ser um ponto de virada para a cidade, tal qual teria acontecido em Barcelona com os jogos de 1992. Um ponto de virada para onde?

Acontece que a conjuntura do Rio 2016 é diferente da conjuntura de Barcelona 1992. A cidade espanhola propunha se transformar em uma cidade moderna e preparada para a economia de serviços: um polo turístico moderno emergindo de um país em crescimento que, lembremos, havia saído de uma ditadura e há pouco entrado na comunidade

européia. O Rio de Janeiro parece emular as aspirações Catalãs, se colocando como capital brasileira da cultura, esporte e criatividade. Porém, apenas as aspirações têm paralelo.

O país vive um processo de desencantamento geral com seus gestores públicos, muitos deles envolvidos em casos de corrupção. No âmbito econômico as esferas federais e estaduais, em maior gravidade o Estado do Rio de Janeiro, passam pela pior crise econômica da história recente. E o Rio não resolveu, ainda, os problemas mais básicos que o assolam há décadas. Continuamos a ser uma das cidades mais violentas do mundo, onde mais de 1 milhão de pessoas moram em favelas com péssima infraestrutura e sem amenidades básicas que garantam qualidade de vida, e nem mesmo a promessa de despoluição a Baía de Guanabara até os Jogos será cumprida.

A poucos dias da abertura dos jogos as manchetes internacionais sobre violência, poluição e a desistência de atletas diante do risco da Zika estão mais em voga do que os encantamentos que a cidade tem a oferecer aos seus visitantes.

Não há dúvidas que haverá legado para o Rio de Janeiro, principalmente no campo da mobilidade pública (que mesmo longe do ideal avançou mais nos últimos oito anos que nas três décadas anteriores). Mas a almejada transformação da imagem internacional da cidade, o ponto de virada, este será apenas um sonho Olímpico.

A improvável esperança de um legado político

Humberto Dantas

Coordenador da pós-graduação em Ciência Política da Fundação Escola de Sociologia e Política



EXISTE UM ABISMO entre as motivações que levaram o Brasil à conquista da organização dos Jogos Olímpicos de 2016 e a realidade atual do país. Depois de duas eliminações na fase inicial do processo, a terceira tentativa resultou na oportunidade única de sediar o evento. A disputa começou em 2007, motivada pela realização dos Jogos Panamericanos e sob a promessa de que a estrutura esportiva do evento continental serviria de base para o instante olímpico. Ao longo de 2008 o país recebeu a notícia que estava na fase mais avançada do processo e, em outubro de 2009, vencendo Madrid, o Rio de Janeiro foi anunciado como sede.

A realidade política e econômica ofertava aos governantes a oportunidade de apontar o país como uma das raras nações que aparentemente passariam ilesas pela crise econômica mundial que dizimara mercados pelo planeta. Cerca de um ano antes do anúncio do Comitê Olímpico Internacional o presidente Lula afirmara que a crise era um tsunami nos Estados Unidos e chegaria como uma marolinha no Brasil. Em 2010, Dilma Rousseff seria eleita como a sucessora de um comandante extremamente popular, que terminaria seu oitavo ano no poder com mais de 80% de aprovação. A partir de então, a Olimpíada passou a ser desenhada como a oportunidade de o país fortalecer-se ainda mais perante o mundo. Era a consagração de um governo de esquerda que apostava numa mudança expressiva no padrão de consumo de parcelas das classes menos favorecidas. Mas algo deu errado.

Os anos seguintes mostraram dificuldades que não pareciam estar no radar. Tendo como metáfora os anéis olímpicos, cinco questões merecem

destaque, se entrelaçando e caracterizando a realidade nacional:

1. ANALISTAS PASSAM a questionar um modelo econômico intervencionista e o consequente peso que Estado estava adquirindo, com gastos abusivos e presença marcante em oferta de benefícios dos mais diversos e em negócios que, em outrora, seriam ofertados de forma mais clara à iniciativa privada;

2. OPERAÇÕES NO campo da justiça – sobretudo a partir do estabelecimento inicial de investigações associando à Delta Construções, ao contraventor Carlinhos Cachoeira e aos governos do Rio de Janeiro (PMDB) e federal (PT) – sinalizam para profundos problemas. O cenário se adensaria com a Operação Lava-Jato a partir de 2014 e a associação entre as principais empreiteiras do país e parte das obras estruturais do Brasil, a começar pela Petrobrás e passando, inclusive, por questionamentos acerca da construção da estrutura dos jogos olímpicos;

3. A SOCIEDADE passa a questionar de forma mais enfática e absolutamente ativa, derretendo a imagem de alguns partidos e governantes, uma série de gastos públicos e questões associadas à corrupção. Parte da ênfase, em um primeiro momento, critica a Copa do Mundo, que no Rio de Janeiro consumiu recursos assombrosos com reformas de um Maracanã que já havia queimado recursos para os jogos Panamericanos, a despeito da construção de um estádio novo, e frágil, o Engenhão;

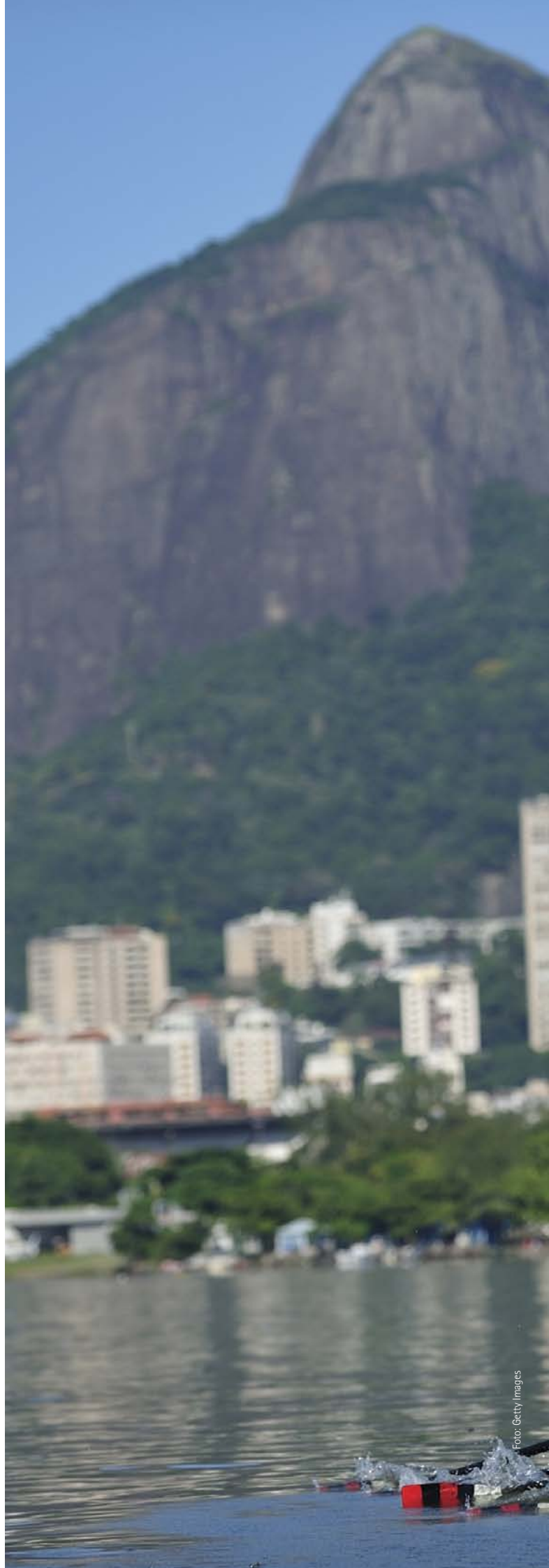
4. DISTANCIAMENTO ENTRE a proposta inicial da cidade para sediar o evento olímpico – que já gerara questionamentos por eliminar da paisagem urbana as comunidades em morros cariocas nas maquetes

virtuais que compuseram o material de candidatura – e a realidade às vésperas da realização dos Jogos. O legado de transformação planejado inicialmente está distante do que será entregue. E faltando poucos dias para o evento, a cidade não havia entregado ou testado algumas instalações e equipamentos públicos. Para completar este quarto ponto o país passou a conviver com problemas graves no campo da saúde que levaram a questionamentos associados à própria realização dos jogos.

5. **POR FIM**, a imagem do PMDB, e sobretudo do prefeito Eduardo Paes, pareciam depender do sucesso do evento para voos mais expressivos. O problema é que contribuiu negativamente para a tentativa de construção de uma possível candidatura do prefeito do Rio de Janeiro à Presidência da República (2018) o vazamento de um telefonem de solidariedade a Lula repleto de declarações polêmicas, bem como o apoio a um candidato à sucessão que confessou ter agredido fisicamente a ex-mulher, entre outros episódios que minaram a imagem de um político que costumemente passava a imagem de inovador.

Em resumo: os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro não deixarão o legado planejado para o país, e, sobretudo, para a cidade. Pode trazer algo de positivo enquanto evento esportivo, como a Copa do Mundo findou deixando. Mas no longo prazo é possível afirmar que a situação econômica do país, o aprofundamento dos escândalos de corrupção e o desgaste político de líderes que poderiam capitalizar com o evento estão longe daquilo que pareceu motivar efusivas e questionáveis comemorações de agentes públicos, na Europa, quando o Brasil foi definido como o endereço da tocha olímpica em 2016.

Pedalinho e remo fazem parte do cotidiano do espelho d'água da Lagoa Rodrigo de Freitas. Em seu entorno, além de um estádio de remo e uma ciclovia pavimentada com 7,5 km de extensão, há diversos equipamentos públicos de lazer e quiosques de alimentação. A Lagoa sedia competições de canoagem e remo dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos em 2016.





O jogo só acaba quando termina

Mario Monzoni

Coordenador do Centro de Estudos em Sustentabilidade da FGV-EAESP

Amália Safatle

Editora da Revista Página 22, uma publicação do GVces da FGV-EAESP



"O brasileiro não está preparado para ser o maior do mundo em coisa nenhuma. Ser o maior do mundo em qualquer coisa, mesmo em cuspe à distância, implica uma grave, pesada e sufocante responsabilidade."

Nelson Rodrigues

EM ENTREVISTA À televisão, o presidente da República declara: "O Brasil saiu da segunda para a primeira classe. Inclusive o (Henrique) Meirelles tá anunciando que, segundo o Banco Mundial, o Brasil será a 5ª maior economia do mundo em 2016!"

Contextualizando: o presidente em questão era Luiz Inácio Lula da Silva; o ano, 2009; e Meirelles, presidente do Banco Central. A entrevista foi dada no dia em que o Rio de Janeiro venceu Chicago, Madri e Tóquio na candidatura para sediar as Olimpíadas de 2016. O clima era de comoção. Dois meses depois, a *The Economist* estampava na capa a emblemática imagem do Cristo Redentor como um foguete, com a chamada "O Brasil decola".

Só que, quatro anos depois, a revista britânica publicava o mesmo Cristo despencando dos céus: "O Brasil estragou tudo?" E em 2015, em outra edição, vaticinava um desastre político e econômico. Dito e feito: no Brasil de 2016, a economia, que caiu para a 9ª posição, vive a maior crise desde a quebra da Bolsa de Nova York, enquanto o estado fluminense é obrigado a decretar calamidade pública para conseguir algum recurso e assim evitar um vexame internacional durante os Jogos Olímpicos.

Com déficit estimado em R\$ 19 bilhões, o estado do Rio que surfava nas promessas do pré-sal e do "Brasil que deu certo", hoje não consegue arcar com investimentos mínimos em segurança pública, mobilidade, saúde, educação e gestão ambiental. Tem professor varrendo rua de universidade e morador de rua desesperado com a possibilidade de que o restaurante popular que vende o prato a R\$ 2 feche as portas.

Os pés de barro do gigante vieram à mostra: as conquistas sociais não puderam ser mantidas sem o apoio da perna econômica. Quando o Brasil ensaiava um crescimento sustentado, o debate era mais elevado: discutia-se como imprimir qualidade ao crescimento, do ponto de vista socioambiental e ético. Com a crise econômica sem precedentes, os investimentos em sustentabilidade foram os primeiros a serem cortados. Andou-se para trás, fazendo aflorar todo o nosso complexo de vira-latas tão bem descrito por Nelson Rodrigues.

Mas tem um fio de esperança aí. A crise moral, que é mãe de todas as demais – pois se reflete no abismo social, no trato da coisa pública e dos bens comuns desta e das próximas gerações – também abre a oportunidade de lidar com a questão de frente, a partir do momento em que seja escancarada e leve a investigar e punir quem quer que seja.

Como escreveu José Miguel Wisnik em *Veneno Remédio*, obra que discorre sobre o futebol como chave para explicar a formação cultural da sociedade brasileira, "sempre se pode dizer que há todas as razões para o pessimismo, menos uma: que o jogo só acaba quando termina".

Legado olímpico, cidade e meio ambiente

João Ricardo Rodrigues Viégas

Subchefe de coordenação e professor, Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (Iuperj/RJ)
curso de Relações Internacionais, Cândido Mendes



QUANDO SE FALA em Olimpíadas, por certo se pensa em uma herança de grandes proporções. É inegável a ocorrência de resultados positivos para a Cidade-sede. No caso do Rio, a adoção de estratégias internacionais de sucesso colaborou para potencializar esse legado positivo. Com base no modelo de Barcelona, houve a orientação para a revitalização portuária, requalificando a área degradada e valorizando parte importante do patrimônio histórico nacional. Considerando o benchmarking Transmilenio de Bogotá, a prefeitura iniciou o processo de racionalização do sistema de transporte e expansão dos corredores viários.

Como legado negativo, observa-se que a gestão governamental se valeu do evento olímpico para reduzir os espaços democráticos de negociação e fazer valer seu projeto de reestruturação de cidade. Toda estruturação urbana é resultado de um conflito de vertentes sociais que disputam a consolidação de seus projetos em um espaço restrito. Constrangendo esse processo, a municipalidade se valeu do argumento olímpico para atender a seu grupo de interesse e dificultar ações oposicionistas ao seu projeto de reforma estrutural da cidade. Assim, foi imputada ao projeto e cronograma olímpico a responsabilidade por mudanças bruscas, agressivas e por vezes atabalhoadas no Rio de Janeiro.

Se sobrepondo ao debate sobre formulação participativa da Cidade, foram removidas 2.125 famílias em razão de obras de mobilidade, contabilizando ao menos 16 comunidades total ou parcialmente removidas.

Sob a máxima do cronograma olímpico, os procedimentos técnicos de avaliação dos impactos ambientais foram por vezes dispensados, reduzidos em

escopo e/ou fracionados. Com destaque para a ausência de Estudos de Impacto de Vizinhança para diversos empreendimentos, na utilização do Relatório Ambiental Simplificado (RAS) em detrimento do instrumento tradicional (EIA/RIMA) e no fracionamento dos impactos por meio da fragmentação dos estudos setorialmente, os dois últimos utilizados no licenciamento da BRS Transcarioca.

O projeto olímpico também foi utilizado para mudanças legislativas (revisão do zoneamento urbano, delimitação de novas áreas de utilidade pública, etc) em prejuízo ao meio ambiente e em desconformidade com o discurso ambiental adotado pela municipalidade, com destaque para a instalação olímpica do campo de golfe, com área equivalente a 100 campos de futebol (58.000 m²) em Zona de Conservação da Vida Silvestre (ZCVS) do Parque Natural Municipal de Marapendi com frágeis ecossistemas remanescentes no Município: restinga e manguezal.

Minando forças de oposição, ações judiciais e Termos de Ajustamento de Conduta (TAC) foram parcialmente considerados pelos tribunais sobre o argumento de atender às demandas de um megaevento internacional. Destaca-se a batalha travada no judiciário entre o GAEMA (MPRJ) e a Prefeitura sobre o Plano de execução do Porto Maravilha.

Ainda que em alguma medida os novos equipamentos urbanísticos venham a contribuir para a natureza turística da Cidade, a expectativa do carioca restou frustrada face aos descumprimentos de entrega das obras do metro linha 4; às revisões da meta de despoluição da Baía de Guanabara; à baixa qualidade das obras entregues.

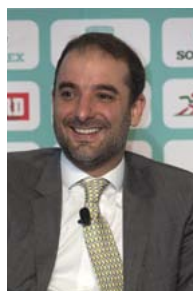


A baía da Guanabara e a cidade do Rio de Janeiro são cenário de um dos maiores eventos esportivos mundiais em 2016: os Jogos Olímpicos e Paralímpicos.

A luz do Jogos, o breu dos clubes

Pedro Trengrouse

Professor, Fundação Getúlio Vargas – FGV
Consultor da ONU para a Copa 2014



NUM PISCAR DE olhos a pira olímpica estará acesa no Rio de Janeiro. Serão 17 dias iluminados pelos melhores atletas do mundo tentando superar recordes e conquistar medalhas. E no 18º dia, quando a pira for apagada, o que restará para os clubes brasileiros, que são os grandes formadores dos atletas nacionais? Será que os clubes perceberam e aproveitaram as oportunidades de ter os Jogos Olímpicos em casa?

Há menos de um mês do início do evento, o Ministério Público Federal ajuizou ação civil pública contra a União, Autoridade Pública Olímpica, Estado e Município do Rio de Janeiro para que apresentem um plano de legado consistente, detalhado e formalizado para todas as instalações esportivas que serão utilizadas nas competições. O Tribunal de Contas da União cobra isso publicamente faz 3 anos. Se o Rio de Janeiro foi escolhido há 7 para sediar os Jogos, e toda propaganda do Comitê Olímpico Internacional (COI) e das autoridades se dá em cima dessa história de legado, como pode não haver plano até hoje? Agora, em cima da hora, é como se, numa prova de tiro, ao invés de preparar, apontar, fogo, subvertêssemos a ordem para preparar, fogo, apontar! Pode dar certo?

É absurdo que não se tenha levado em consideração a vocação natural de quem já desenvolve os atletas olímpicos brasileiros. O Brasil deveria ter tido uma agenda própria nos Jogos, não se limitando apenas a cumprir requisitos do COI. Fluminense e Flamengo, que formaram o maior número de atletas olímpicos da história do país, deveriam ter recebido investimentos para melhorar suas instalações, até

mesmo sediando algumas competições. Seria uma garantia de aproveitamento posterior desses equipamentos por quem já forma e mantém os atletas brasileiros.

É paradoxal perceber que o esporte no Rio de Janeiro sai enfraquecido depois de grandes eventos na cidade. Na Copa do Mundo, por exemplo, enquanto BA e SP saíram com 3 estádios, RS, PR e MG, 2, os clubes do Rio não tem onde jogar. O mesmo ocorre com recursos administrados pela Confederação Brasileira de Clubes (CBC), que recebeu R\$ 163.827.805,76 nos últimos 2 anos para investir nos clubes formadores de atletas olímpicos e repassou para clubes como Thalia, Jangadeiros, Recreio da Juventude, Sta. Mônica, Morgenau, Paineiras etc. Em SP e PR, 6 clubes de cada estado receberam recursos da CBC. No Rio de Janeiro, apenas três, R\$ 17 milhões concentrados exclusivamente em Flamengo, quase R\$ 12 milhões, Tijuca Tênis Clube, pouco mais de R\$ 4 milhões e Instituto Mangueira do Futuro, R\$ 1,5 milhão.

Simplesmente lamentar o descaso do governo e dos órgãos competentes não resolve. Os clubes que realmente formam e mantêm os atletas olímpicos precisam se unir para superar a miopia, falta de articulação, inércia e apatia de boa parte dos dirigentes esportivos, que acabam contribuindo para a penúria dos esportes olímpicos em seu nascedouro. Esta grande chance de mudança passou e quando a pira olímpica se apagar, pelo visto, o foco terá ficado apenas no evento, enquanto para os clubes, resta o breu e a esperança que dias melhores virão.

Olimpíadas 2016

Thereza Lobo

Coordenadora Executiva do Rio Como Vamos



FALTAM POUCOS DIAS para o início das Olimpíadas e Paralimpíadas. A ansiedade aumenta, especialmente para os organizadores e as autoridades públicas. A população, espera. A responsabilidade é grande. Muitos olhares estarão voltados para a cidade do Rio de Janeiro durante quase dois meses. Expectativas serão cumpridas ou frustradas? A cidade passou com glória por testes importantes: Congresso Mundial da Juventude, Copa das Confederações, Copa do Mundo. E agora?

Pesquisa de Percepções realizada pelo Rio Como Vamos em 2015, com cerca de 1.500 moradores do Rio de Janeiro, indica algumas pistas. O otimismo com respeito aos Jogos vem diminuindo ao longo do tempo. Se em 2011 63% da população da cidade afirmaram que benefícios seriam auferidos, em 2015 esse número cai fortemente, chegando a apenas 27%. Concretamente, quase metade dos otimistas, em particular os de nível de renda mais baixo, refere-se a oportunidades de emprego como benefício esperado. E aí aparece a primeira frustração. A crise econômico-financeira que assola o país não deixou o Rio de Janeiro imune. Empregos desaparecem.

Os mais pessimistas, aqueles que acreditam que os Jogos trarão malefícios para cidade, são quase 40% dos residentes em 2015 e eram apenas 15% em 2011. A razão expressa para tal percepção é a possibilidade de desvio de dinheiro público, para 48% dos entrevistados. Mais um sintoma de como o cenário nacional afeta a população da cidade. As denúncias de malfeitos em obras públicas não saem das manchetes dos jornais.

Mas nem tudo é má notícia. Os cariocas reconhecem que há investimentos importantes sendo realizados, especialmente aqueles associados à mobilidade urbana. Costuma-se ouvir dizer: “o Rio parece um canteiro de obras”. Em 2013 eram 57% de moradores que mencionaram como relevantes os vários tipos de investimento na infraestrutura viária, novos modais (BRTs e VLT) e mesmo a nova linha do metrô. Em 2015 esse número atinge 66%. Aí está um legado que a cidade valoriza. Construções receberam pouca atenção, nem 10%.

Duas outras questões merecem destaque: a segurança e a saúde. Homicídios dolosos e roubos de rua são duas situações que muito afligem os cariocas. Em ambos casos os indicadores do Rio Como Vamos mostram uma queda constante desde 2009, mas os números continuam altos. Homicídios dolosos em 2015 chegaram a um patamar de 100 por mês na cidade. Já o roubo nas ruas vai até assustadores 1.600 casos por mês em 2015. O carioca se pergunta: o que pode acontecer com turistas, atletas, membros de delegações de países e jornalistas durante os eventos?

A saúde chegou ao noticiário internacional e já está afetando os Jogos. Os efeitos da ação do mosquito *Aedes Aegypti* são reconhecidos como preocupantes, embora já se observe uma grande diminuição de pessoas infectadas frente à situação climática.

O Rio Como Vamos torce para que os Jogos sejam um sucesso e confia que as autoridades responsáveis farão o melhor para que o Rio de Janeiro se mostre acolhedor, seguro e festivo. E espera ainda que o humor da cidade, e particularmente sua população, retorne à alegria de viver que a fez conhecida no mundo inteiro.

Walk before you run: O que o 'legado Olímpico' nos diz sobre as prioridades do Rio

Vinicius M. Netto

Professor Adjunto, Universidade Federal Fluminense (UFF)

Maria Fizon

Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação (UFF)



OS INGLESES TÊM uma expressão interessante: *learn to walk before you run* – aprenda a caminhar antes de correr.

Antes do excepcional, faça o dever de casa. Essa expressão ilustra – pelo inverso – o Rio Olímpico. As Olimpíadas 2016 alteram o cenário urbano do Rio de Janeiro, obras e verbas são justificadas pelo chamado 'legado olímpico', transformações que seriam positivas para a cidade. Vejamos o que prevalece neste suposto legado ao confrontá-lo com as prioridades reais do Rio.

O Rio é marcado por precariedade. O déficit habitacional se aproxima de 1,5 milhão de pessoas (220 mil unidades) vivendo sem salubridade, em coabitação ou sem habitação, segundo a Fundação João Pinheiro e IBGE. As habitações construídas para os jogos – as Vilas da Mídia e Árbitros – se relacionam a esse déficit: 3 mil unidades, atendendo menos de 1,4% da demanda. Já a Vila dos Atletas, um conjunto com 3600 unidades com valores de até um milhão de reais, não é acessível a pessoas de menor renda – e segue o modelo de urbanização da Barra da Tijuca, seriamente criticado por sua baixa caminhabilidade e predominância de muros e grades, aumentando a insegurança do espaço público e a dependência do carro para o deslocamento. São um símbolo do urbanismo não-sustentável e um retrocesso para o desenvolvimento urbano do Rio.

Outro emblema, o Porto Maravilha, poderia incentivar o uso residencial e incluir habitações de interesse social, como ocorreu em Londres. Contudo, os empreendimentos em desenvolvimento são essencialmente corporativos, não contribuindo para diversificar e



dinamizar a área – e tem seu impacto sobre as comunidades e gentrificação da região ignorado no discurso oficial.

Parte de um projeto ainda não finalizado percorrendo Zonas Norte e Oeste, o sistema BRT não é obra exclusiva das Olimpíadas, mas teve seus trajetos influenciados por ela. Os indicadores sobre uma de suas linhas, a TransCarioca, mostram reduções de tempo de deslocamento para usuários, mas indicam também pouco resultado em tirar carros da rua – o principal objetivo de um transporte de massa (e o BRT é controverso nesse sentido): apenas 4% dos seus usuários migraram do uso do veículo privado para o BRT (dado do ITDP), e o sistema já extrapola sua lotação máxima, mesmo recém implantado. A extensão do metrô contrariou pareceres técnicos e terminou beneficiando grandes incorporadores da Barra (e um deles declarou ao jornal inglês *The Guardian* que “a Barra não é lugar para pobres”): não leva ao principal polo de emprego (o centro histórico) mas à Zona Sul, um artifício que valoriza áreas a urbanizar, da propriedade de poucos, a despeito das futuras perdas cotidianas de milhares de pessoas em tempos de deslocamento e superlotação.

Essa política torna-se mais desastrosa no planejamento discriminatório que gerou remoções e violências, fartamente divulgadas na imprensa internacional (e seguem curiosamente silenciadas na mídia local) – um ‘marketing negativo’ com o qual as autoridades do Rio de Janeiro não parecem incomodadas. Descaso, esse, que é mais uma demonstração da incivilidade das autoridades e da grande distância entre elas e a população. De fato, é difícil conceber que

uma cidade construa um Museu do Amanhã, investimento de 300 milhões, antes de cuidar das urgências de ontem e de hoje, como impedir o despejo diário do esgoto in natura, de milhões de pessoas, em suas lagoas, rios e mar – uma cidade que recicla menos de 3% do lixo que produz.

O Rio não teve planejamento para prepará-lo para a escala e números populacionais que veio a ter. Não fez uso efetivo do evento Olímpico para reparar suas dívidas históricas – e pior: se tornou símbolo da violência contra os menos favorecidos. Nada mais distante do “fazer o dever de casa” e de um “legado Olímpico” positivo.

A praia de Copacabana é cenário para eventos, festividades e esportes no Rio de Janeiro. O primeiro campeonato de beach volleyball foi realizado em suas areias e é até hoje, ao lado do futebol, um dos esportes mais praticados.







A praia de Copacabana, considerada uma das mais lindas do mundo, é um dos cenários preferidos para treinos e competições esportivas.





Konrad
Adenauer
Stiftung